SARLO, Beatriz. La maquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas. Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1998.

Anderson Rodrigues Correia[1]
Rejane Klein[2].

Beatriz Sarlo é professora de Literatura Argentina na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Escreveu inúmeras obras abordando questões relacionadas à literatura popular sentimental, história dos periódicos e meios de comunicação, cinema e cultura de massas relacionadas à produção artística e ao papel dos intelectuais.

Na obra *"La maquina cultural: maestras, traductores y vanguardistas"* Sarlo dividiu o livro em três episódios e, no quarto capítulo, sintetiza as histórias retratadas anteriormente. Cada capítulo está mesclado com acontecimentos cotidianos e discursos oficiais, entrelaçando-se na constituição de cada personagem. O passado e o presente misturam-se, sendo negados e reincorporados a todo momento.

O livro atrai o leitor porque apresenta uma reflexão crítica sobre os usos e resultados das máquinas culturais: escola, tradução e cinema de forma simples e profunda ao mesmo tempo. Dirige-se a pesquisadores dos estudos culturais, mas também, a pessoas que apreciam a boa literatura.

No primeiro capítulo intitulado "Cabezas rapadas y cintas argentinas", a autora discorre sobre a história da vida de Rosa Del Río, filha de um alfaiate que morava num bairro muito pobre e que viu a possibilidade de modificar sua vida e a de seus familiares através do estudo.

Quando começou a lecionar, atuou justamente na escola em que ela havia sido alfabetizada. Parece que este fato motivava-a a dar o melhor de si, pois, afirmava que aquela realidade era bem conhecida, e tudo aquilo que imaginava que fosse bom para si, seria bom para seus familiares e, também, para seus alunos.

A protagonista relata que seu objetivo maior era ensinar os alunos a ler, porque, para ela, a leitura significava uma porta de entrada para o mundo da escrita. Se as crianças aprendessem a ler, iriam adquirir

---

[1] Formado em Pedagogia Psicossomática - UFRGS. Aluno do Programa de Educação Continuada - UFRGS.

[2] Professora do Colegiado de Letras - Unioeste. Mestre em Educação (UFSC).

autonomia para prosseguir descobrindo outras coisas sozinhas. Rosa, em suas aulas, transpirava sonhos e objetivos e parece-nos, que o maior deles era romper com o mundo que se apresenta-lhe pequeno, sujo, pobre material e intelectualmente. A ruptura que buscava incluía sempre seus familiares e seus alunos.

Sarlo discorre sobre a história de Rosa Del Río e destaca dois acontecimentos marcantes de sua carreira. O primeiro deles é o fato de Rosa, logo no primeiro dia em que assumiu a função como diretora, mandar raspar as cabeças dos meninos, pagando o barbeiro com dinheiro do seu próprio bolso. A protagonista sabia que seu gesto fora ousado, mas tinha como objetivo uma escola limpa, organizada e disciplinada, talvez nos moldes de escolas de bairros da classe média argentina.

Outro feito refere-se às faixas que a diretora confeccionou nas cores da bandeira Argentina para que os alunos usassem no desfile em comemoração ao dia da pátria. Rosa queria que a escola fosse a mais bonita do desfile e, para isso, trabalhou várias noites confeccionando as faixas.

Sarlo narra a história de Rosa mesclando-a com fatos pessoais da vida da protagonista e com situações da vida profissional. Retrata com maestria os sonhos, lutas, objetivos pessoais e profissionais, ao mesmo tempo em que aponta que Rosa foi fruto da formação do discurso normalista e do nacionalismo, emitido pelas inspetorias de ensino.

Quando ocorreu o episódio das fitas azuis e brancas, pensamos que o objetivo da protagonista não foi o de exaltar a pátria mas, de atrair o olhar de todos os presentes no desfile para a escola do bairro pobre.

E este objetivo foi alcançado uma vez que todos diziam: *"Alli viene la escuela de Olaya"!* Dessa forma, a questão do patriotismo emergiu porque Rosa preparou sua escola para apresentar-se numa festividade relacionada ao dia da pátria e não porque tinha o objetivo expresso de homenagear a pátria, desenvolvendo em seus alunos o espírito patriótico. Pode-se dizer que a professora desejava exaltar sua escola e procurou apresentá-la à cidade de uma forma bem organizada, bonita e disciplinada .

Sarlo afirma que a protagonista assumiu a cultura letrada desvalorizando a cultura local, por isso defendeu uma cultura alheia a sua, conseqüentemente, formou alunos que serviriam à pátria de uma maneira dócil e útil. No entanto, pensamos que se Rosa defendesse sua cultura local, estaria também, de alguma forma, utilizando-se da máquina escola para subjetivar seus alunos. Neste sentido, o texto provoca algumas questões, por exemplo: é possível negar a cultura letrada? Existe uma

cultura correta ou mais adequada e outra incorreta e inadequada?

O segundo capítulo denominado *"Victoria Ocampo o el amor de la cita"* retrata a vida de Vitória Ocampo. Uma mulher rica, que busca sua independência profissional e intelectual. Sarlo inicia a história narrando que a protagonista quer romper com a cultura da oligarquia argentina que considera ignorante, para isso, *"elige la nobleza de toga frente a la nobleza de renta de la que provenía."* (Sarlo, 1998, p.95)

Esta ruptura vai acontecendo na medida em que Ocampo viaja e traduz obras de intelectuais europeus, transladando para a Argentina uma cultura diferente daquela vivida pela oligarquia na qual ela foi criada e que considera medíocre.

Na França, fez curso de arte moderna e aprendeu a apreciar obras de arte. Freqüentou conferências no Collège de France e aos poucos passou a conviver com grande parte da intelectualidade francesa. Durante sua vida, viajou para vários países, entre eles: alguns países da Europa, especialmente, a França, Estados Unidos e Argentina.

Ocampo procurou romper com a cultura argentina e esta ruptura expressava-se de muitos modos: na convivência com os intelectuais europeus, na decoração de suas casas, na arquitetura das casas que construía, nos objetos, roupas, livros e músicas que apreciava.

Sarlo organiza este capítulo apontando as rupturas efetuadas por Ocampo a partir de acontecimentos cotidianos. Relata minúcias da vida da protagonista, demonstrando a interferência dela na vida cultural Argentina. Ao final do capítulo, Sarlo declara que Ocampo, através da revista *Sur* e da arquitetura, foram máquinas que serviram para traduzir e transladar a cultura européia misturando-a a cultura periférica.

No terceiro capítulo, denominado de *"La noche de las camaras despiertas"*, Sarlo relata a história de um grupo de cineastas que produziram vários curtas-metragens para utilizá-los como forma de protesto num ato público, na cidade de Santa Fé. A autora do livro caracteriza-os como cineastas da esquerda. Alguns deles são bem conhecidos pelos participantes do encontro.

Os cineastas trabalharam durante uma noite inteira enfrentando toda a sorte de desafios para realizar o intento. Produziram vários filmes, mas, no período da tarde, após uma assembléia caótica, realizada de manhã, projetaram apenas 08 (oito) filmes.

O grupo de cineastas veio para um encontro com o objetivo de usar a arte como forma de protestar contra a censura e chegou a uma assembléia que colocava a arte em segundo plano, usando o momento para discutir a revolução e as grandes questões nacionais. Sarlo deixa

transparecer que, no encontro, haviam pelos três grupos com interesses distintos, além de várias outras pessoas. A exibição dos filmes foi feita em meio a vaias e insultos. Os cineastas foram taxados de conservadores, capitalistas e vendidos à Coca-Cola.

O encontro ganhou proporções nacionais devido ao que foi considerado o escândalo de Santa Fé.

As questões que Sarlo aborda neste relato são muito interessantes, uma vez que a autora narra o acontecido e nos permite compor uma história a partir de vários elementos. O encontro de Santa Fé não foi apenas um ato público contra a censura, revelou uma série de questões que vinham refletindo-se na indústria cultural do cinema. Revelou, ainda, que os cineastas não produziam uma arte homogênea e nem desinteressada.

No quarto capítulo, a escritora argentina faz uma análise síntese dos três capítulos anteriores revelando tudo o que a autora aprendeu com as histórias relatadas. A autora relata que recorreu às minúcias do cotidiano para não selecionar apenas alguns atos descontextualizados e, a partir deles, julgar os protagonistas. No caso da professora Rosa Del Río, Sarlo nos permite perceber que a protagonista não consegue ver-se como alguém constituído pelos discursos e práticas que estão em torno de si. Fato semelhante ocorre com Ocampo. Para Sarlo, ambas são máquinas que transmitem cultura, mas de forma diferente. Rosa, de origem humilde, viu na escola a única possibilidade de ascensão social tanto para si como para seus familiares e alunos. Ocampo, ao contrário, precisava negar tudo o que aprendeu com a família para reconstituir-se numa cultura que acreditava ser a mais adequada.

Tanto Rosa quanto Ocampo procuram romper com o passado, tentando reconstruir um presente diferente. Porém nos dois casos, mescla-se o passado ao presente quando Rosa procurou criar uma escola diferente e quando Ocampo translada a cultura européia para a América Latina. Apreende-se nestas atitudes a negação do passado, mas é justamente esta negação que, paradoxalmente, mostra a constituição de ambas. As protagonistas, ainda, têm em comum a ruptura com o lugar e o papel da mulher na sociedade da época. Ambas passam por um processo de emancipação feminina numa época em que, em geral, a mulher ocupava somente o espaço doméstico. Rosa encontra sua independência no exercício do magistério e Ocampo na atividade de tradutora.

A história de *"La noche de las camaras dispiertas"* também aponta para uma máquina de produção cultural que é o cinema e tem como protagonistas jovens cineastas que, com seu ato de protesto, põem a

descoberto uma série de tensões vividas pelos cineastas da época. Sarlo classifica o ato como "happening", uma ação de grande impacto, mas, êfemero que tende a ser destruído logo em seguida.

As três histórias têm pelos menos, três pontos em comum: em primeiro lugar, procura-se romper com uma cultura e política instituídas; em segundo lugar, os protagonistas das três histórias lutam cada um, a sua maneira, pela emancipação de suas ações e idéias e, em terceiro lugar, todos ocupam espaços que resultam na difusão da cultura.

Sarlo narra os três episódios de uma forma muito interessante. A autora prende completamente o leitor até a última página porque escolhe alguns acontecimentos-chave e mescla-os com fatos da vida cotidiana dos protagonistas, expressando com muita nitidez os objetivos mais íntimos de cada um. Na história de Rosa Del Río, isso transparece quando a autora traz minúcias do cotidiano mesclando-os aos discursos e livros de leitura que a professora estudou e ou usou para ensinar. Já no caso de Ocampo, isso aparece quando a tradutora pensa que está compreendendo profundamente o que os intelectuais querem transmitir e enreda-se na cultura que quer negar.

No último episódio a autora faz uma análise primorosa do escândalo que os cineastas provocaram e sofreram ao mesmo tempo. Os protagonistas desencadearam questões que foram exploradas pela revista Cine e Medios e parece-nos que abriram a discussão sobre o papel da arte naquele momento. Buscavam uma arte que primava pelo estético aliado ao político e não uma arte como objeto a serviço da revolução.

As reflexões de Sarlo apontam novas perspectivas na medida em que extraem acontecimentos políticos de cada uma das histórias, inclusive, no último capítulo, que denomina de prólogo, no qual a autora discorre sobre o que aprendeu como pesquisadora e escritora com as três narrativas efetuadas. Ou seja, ela se coloca no texto como alguém também, tecida por uma história que mescla passado e presente numa cultura.

Considerando sempre que não existe uma reposta para todas as indagações e reflexões apresentadas pela obra de Sarlo, poderemos considera-la como um farto apanhado de novos jeitos, novas maneiras, novos olhares, inúmeras formas de representar o nosso agir, o nosso eterno e inquietante buscar.

O livro é um convite a pesquisar a cultura de uma maneira contextualizada, inserindo fatos do cotidiano que dão forma e sentido à história; é uma narrativa agradável e envolvente e, ao mesmo tempo propõe reflexões profundas sobre as implicações que podem adquirir as ações de pessoas que operam as máquinas culturais como: os professores,

tradutores e a mídia neste, caso, o cinema. Sarlo rompe com a lógica binária e não busca localizar manipuladores e manipulados pois, de certa forma, todos manipulam e são manipulados.

DIVULGAÇAO

Diálogos – Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. http://www.uem.br/dialogos

SUMÁRIO (v. 8, n. 1, jan./jun. 2004)

Mesa Redonda

Lição sobre a escrita da história – Historiografia e nação no Brasil do século XIX - *Temístocles Cezar*

Sarmiento e Alberdi: o diagnóstico dos males na Argentina do século XIX - *César Augusto Barcellos Guazelli*

Percursos intelectuais latino-americanos: "Nuestra América" de José Martí e "Ariel" de José Enrique Rodo – as condições de produção e o processo de repercussão do pensamento identitário - *Cláudia Wassermann*

História, nação e identidade: alguns comentários - *Fernando Nicolazzi*

Artigos

Quem construiu o Grande Zimbábue? Em torno do mito da incapacidade civilizadora dos povos africanos - *José Henrique Rollo Gonçalves*

Do Grande Salto para Frente à Grande Fome: China de 1958-1962 - *Shu Chang-Sheng*

A antimetafísica de Voltaire – Um alento de modernidade crítica para as identidades contemporâneas - *Alexander Martins Vianna*

Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades - *Valério Arcary*

Um personagem da Belle Époque ribeirão-pretana: Joaquim Macedo Bittencourt, entre as redes da política e as transformações urbanas na cidade (1902-1920) - *Rodrigo Ribeiro Paziani*

O "perigo vermelho" na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da guerra-fria (1947-1955) - *Heloisa Jochims Reichel*

Resenhas

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002. 400 p. - Sandra C. A. Pelegrini

LARSEN, Stein Ugelvik. Fascism outside Europe. The European impulse against domestic conditions in the difusion of global fascism. New York: Columbia Universitz Press, 2002. 856 p. - Joao Fábio Bertonha

PERARO, Maria Adenir. Bastardos do Império: Família e sociedade em Mato Grosso no século XIX. São Paulo: Contexto, 2001 - Hilda Pivaro Stadniky

Resumos de tese

Nas Águas de Lobato: A construção de um espaço social na zona rural de Lobato, Norte do Paraná (1948-1973) - Márcia Regina de Oliveira Lupion

NORMAS PARA COLABORADORES

1- Os artigos deverão trazer resumo do texto em português e em inglês (abstract) contendo no máximo 10 linhas, em espaço 1; palavras-chave em português e inglês (key words), no máximo 5; vínculo institucional do autor e a sua titulação. Os autores farão constar endereço (convencional e eletrônico) para correspondência e telefone/fax para contato.

2- Os textos deverão ser enviados em três cópias ao Conselho editorial, sendo dois sem identificação do autor. As cópias impressas deverão ser acompanhadas de disquete, com a identificação do autor.

3- Os artigos devem seguir o limite mínimo de 15 e no máximo de 30 laudas. As resenhas de livros nacionais e estrangeiros de publicação recente, observarão o espaço de 3 a 5 laudas. (fonte: Times New Roman, corpo 12, espaço 1,5).

4- O autor deverá anexar as seguintes informações: a origem do texto (se parte de dissertação, etc..) e o estágio atual da pesquisa.

5- Cada autor receberá 2 exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu artigo.

6- Os textos devem constituir em material inédito no Brasil, sendo as contribuições emitidas de responsabilidade de seus autores.

7- As citações deverão ser integradas ao texto, com dois recuos, em corpo 11.

8- As referências bibliográficas devem ser feitas entre parênteses, constando o nome do autor, data da publicação da obra, bem como o número da página. Exemplo:
(MUCHEMBLED, 1994:48), (DUBY, 1979a : 88-89) ou (DUBY, 1979b: 89)

9- A bibliografia deverá ser citada no final do artigo, observando-se os padrões técnicos aceitos pela comunidade científica.

10- Os artigos encaminhados à revista serão apreciados por dois membros do Conselho Consultivo ou por outros pareceristas *ad-hoc* designados pelo Conselho Editorial.

O prazo para a entrega de artigos para o próximo volume da revista é 30/ 04/2005.

Administração e correspondências:
UNIOESTE- Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Marechal Cândido Rondon.
Revista Tempos Históricos
Rua Pernambuco, 1777- caixa postal 1008
85960-000 - Marechal Cândido Rondon – Paraná- Brasil
e-mail: thistoricos@unioeste.br

EDITORA E GRÁFICA UNIVERSITÁRIA

Direção	*Paulo Cezar Konzen*
Assistente Administrativa	*Meire Elizete Carreira*
Criação e Diagramação	*Antonio da Silva Junior* *Hélio Zenati* *Nivaldo Missio Sotel* *Rachel Cotrim*
Impressão	*Gilmar Rodrigues de Oliveira* *Izidoro Barabasz*
Acabamento	*Gentil David Teixeira* *Geyze Colli Alcântara Lima* *Paulina Pinheiro dos Santos* *Vera Müller*

EDUNIOESTE